

A importância de um precursor

Gabriela Quatrin Marzari⁶

Abstract⁶

The purpose of this paper is to demonstrate the way by which the first folk writer from Santa Maria has been considered by other well-known folk writers who came afterwards. Although these writers agree that João Cezimbra Jacques is one of the most important regional authors, people in general do not have the same conception about him, or at least they are not conscious about his relevance to the formation of a cultural identity. In order to acknowledge Cezimbra Jacques' contribution to the nation, a large study has been done about him in terms of political, military and especially intellectual performance. Due to this fact, there is an attempt of reviving his literary production to make his name known. So, conclusions and some results will be described here to prove that the main issue of the present research entitled A Lenda da Lenda de Ymembuy seems to be reached.

Resumo

O presente artigo tem como propósito demonstrar o tratamento que escritores de renome, sucessores de João Cezimbra Jacques e que também desenvolveram um estudo voltado aos costumes regionais tradicionalistas, têm destinado ao trabalho do primeiro escritor de Santa Maria. Apesar de ser considerado um dos escritores regionais mais importantes, segundo o depoimento desses intelectuais, Jacques parece não despertar semelhante reconhecimento entre a comunidade santa-mariense, uma vez que a relevância do escritor, no que se refere à formação da identidade cultural do município, permanece na ignorância de muitos. Com o objetivo de explicitar a contribuição dos trabalhos de Cezimbra Jacques para a nação como um todo, tem sido feito um estudo considerando-se as atuações política, militar e intelectual do escritor. Observa-se, portanto, uma tentativa de resgatar a produção intelectual de João Cezimbra Jacques para divulgar a importância do mesmo, inclusive no campo intelectual, popularizando, deste modo, o seu nome. Por isso, alguns resultados da pesquisa serão descritos no decorrer deste artigo como forma de comprovar

que o objetivo primordial do projeto de iniciação científica *A Lenda da Lenda de Ymembuy* tem sido atendido.

O projeto de iniciação científica *A Lenda da Lenda de Ymembuy* é parte integrante de um projeto mais amplo, desenvolvido pelo Grupo de Estudos Literatura e História do Mestrado em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. Dentre seus objetivos principais, está a tentativa de resgate da memória de Cezimbra Jacques, autor local, praticamente ignorado pelos santa-marienses durante muitos anos.

Este quadro, no entanto, vem sendo alterado desde a proposta defendida pelo grupo de pesquisa em questão, como essencialmente necessária e fundamental à preservação de personalidades locais. Destinar ao primeiro escritor de Santa Maria a dimensão histórica, política e cultural, que lhe é devida, constitui o objetivo primordial deste trabalho. Além disso, outras entidades, como o Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e o Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) estão pesquisando a história do Patrono do Tradicionalismo Gaúcho.

Somando-se a isso, a *Zero Hora* lançou uma coleção, composta de cinco exemplares, os quais compreendem um total de mais de quarenta lendas, com ilustrações, pertencentes ao folclore do Rio Grande do Sul. Dentre as autoridades folcloristas que fizeram a compilação dessas lendas, encontra-se o nome de João Cezimbra Jacques, ao lado de escritores já consagrados, como Simões Lopes Neto, Roque Callage, também escritor santa-mariense, e Barbosa Lessa.

Nascido aos 13 de novembro de 1849, na freguesia de Santa Maria da Boca do Monte, João Cezimbra Jacques foi o primeiro escritor santa-mariense a ter uma obra publicada. Animado por um extremado espírito nativista, em 1883, lançou seu primeiro livro, *Ensaio sobre os Costumes do Rio Grande do Sul*. Nessa obra, encontra-se uma descrição de acontecimentos históricos regionais e costumes locais, que caracterizavam o modo de vida do gaúcho, através de uma linguagem simples,

⁶ Graduanda do 6º semestre do Curso de Letras da UFSM e orientanda do Prof. Dr. Orlando Fonseca no projeto de iniciação científica "A Lenda da Lenda de Ymembuy", financiado pelo PIBIC/CNPq.

marcada por termos do vocabulário tradicionalista.

Cezimbra Jacques deixou à posteridade um legado cultural de grande valia, composto de quatorze livros. Dentre essas obras, publicou, em 1904, *Frases e Vocábulos do Abá-ñênga Guarani; Meditações (assuntos sociais)*, em 1907; *Assuntos Sociais*, em 1911; *Assuntos do Rio Grande do Sul*, em 1912; *O Parlamentarismo e o Presidencialismo*, em 1913; *O Presidencialismo Puro: Novos ideais políticos*, em 1914; *O Aspirante a oficial Alberto Cezimbra Jacques – In Memoriam*, em 1915; *O Direito na Sociologia*, em 1917 e *A Proteção ao Operariado na República*, em 1918.

Pode-se compreender o porquê do interesse de Cezimbra Jacques pelos assuntos regionalistas a partir dos sentimentos de amor e grande devoção que dedicava ao Rio Grande do Sul. Tendo em vista sua consideração frente às questões do folclore gaúcho, Jacques não apenas escreveu obras que reproduzissem os feitos e os costumes locais, pesquisando e divulgando-os para que todos tivessem acesso às raízes culturais sul-rio-grandenses, mas também fundou, no dia 22 de abril de 1898, na cidade de Porto Alegre, o *Grêmio Gaúcho*, primeiro centro nativista do Estado, a fim de que instituições semelhantes se multiplicassem e desenvolvessem em todo o Estado.

Como reconhecimento pela fundação da referida instituição, que constitui a matriz do que se conhece hoje como CTG (Centro Tradicionalista Gaúcho), Cezimbra Jacques foi eleito oficialmente, durante o VI Congresso Tradicionalista, ocorrido em Cachoeira do Sul, em dezembro de 1959, *Patrono do Movimento Tradicionalista do Rio Grande do Sul*, numa disputa com Simões Lopes Neto e Ramiro Barcellos. Cerca de meio século após as idéias propostas por Jacques, foi fundado, no dia 24 de abril de 1948, o "35" – Centro de Tradições Gaúchas que incentivou o movimento tradicionalista no Estado.

A dedicação de Cezimbra Jacques pelas questões relacionadas à Pátria pode ser verificada também a partir de sua atuação efetiva em áreas de interesses distintos, mas que, de algum modo, encontram-se interligadas. Ingressou na carreira militar exatamente no dia em que completava 18 anos. Participou do Corpo da Cavalaria e atuou como Voluntário da Pátria na Guerra do Paraguai. Sua eficiência no campo militar foi reconhecida e, pelo fato de ter prestado mais de 36 anos de auxílio à nação, foi reformado no posto de Major.

Além dessa atitude patriótica de Cezimbra Jacques, que acabou lhe conferindo uma posição de destaque entre os membros da Cavalaria e do Exército, sabe-se que ele foi também um dos fundadores do partido Republicano no Rio Grande

do Sul. Ainda, é reconhecido pelo fato de figurar entre os fundadores da Academia Rio-Grandense de Letras, sendo patrono da cadeira n.º 19, ocupada, nos últimos anos, por Dante de Laytano, falecido recentemente. Esta Academia representa a primeira instituição do gênero no Estado, surgida no ano de 1901, em Porto Alegre, sendo a terceira em caráter regional, antecedida pelas entidades do Ceará (1894) e de Pernambuco (1901). Foi no dia primeiro de dezembro de 1901 que se deu a solenidade de fundação da referida Academia, no Clube do Comércio, e sua instalação oficial ocorreu no dia 10 de maio de 1902.

Considerando a atuação do Major em termos político e militar, pode-se dizer que, embora essencial ao desenvolvimento e à continuidade das atividades cívicas e ao progresso da Nação, sua maior contribuição está no campo intelectual. Autoridade folclorista, o escritor Cezimbra Jacques estudou comportamentos e costumes locais, deixando registradas as conclusões obtidas após um minucioso trabalho de investigação. Destaque-se que, durante esse estudo, utilizou a fotografia para atestar suas constatações, sendo, portanto, pioneiro no uso dessa técnica.

Ao desenvolver *Assuntos do Rio Grande do Sul*, de 1912, obra em que retoma lendas, superstições, costumes, danças e tudo o que caracterizava o Rio Grande do Sul e sua gente naquela época, interessou-se pelo modo de vida dos tipos regionais desta província. Relatou o comportamento dos nativos da tribo dos Tapes, Minuanos e Charruas, principalmente, a mulher rio-grandense, o gaúcho, os índios dos Sete Povos das Missões, os Guaranis, entre outros.

Nesse mesmo livro, encontra-se o conto indígena *Imembuí*, cujo enredo se caracteriza pela união da índia Imembuí, filha da água, pertencente à nação dos Minuanos, com o guerreiro branco Rodrigues, um bandeirante paulista, mais tarde denominado Morotin pelos demais componentes da tribo. Desse relacionamento resultou José, um mestiço, fruto da fusão dos elementos indígena e europeu, além da assimilação de costumes alheios por parte dos nativos e a conseqüente submissão destes frente às imposições do conquistador branco. Sob o ponto de vista lendário, portanto, José constituiria a gênese do povo santa-mariense.

Entretanto, em nota introdutória, o autor ressalta que *Imembuí* constitui um texto ficcional, ao caracterizá-lo como *Conto Indígena*. Além disso, menciona sua falta de aptidão literária, salientando que o valor desta narrativa reside na utilidade que ela possa oferecer às gerações futuras justamente por não apresentar riqueza de estilo.

O fato é que, hoje, no entanto, a história de Imembuí é tida como lendária para a população deste Município. Sob esse aspecto, sendo lenda, *Imembuí* seria fruto do ideário popular e Cezimbra Jacques teria apenas recolhido esta lenda. Contudo, a hipótese aqui considerada é a de que não se trata de uma lenda, mas de um conto, de uma obra ficcional, resultante da imaginação artístico-criadora de Cezimbra Jacques. O propósito desta investigação, portanto, é o de recolocar a verdade histórica. Não se pretende desmerecer o atual caráter de lenda de que goza *Imembuí* na cultura popular de Santa Maria, mas consolidar, como origem do mito, a criação literária do escritor santamariense.

Através da consulta em periódicos, revistas, almanaques e livros de registros do Arquivo Municipal, pôde-se constatar que a imprensa local desconhecia a importância deste escritor, verificada a inexistência de qualquer informação referente ao nome de Cezimbra Jacques e sua relação com *Imembuí*. Foram analisados jornais como *A Federação*, órgão representante do Partido Republicano Rio-grandense, que circulou em Porto Alegre a partir de 1884, sendo impresso até novembro de 1937; *O Estado*, também órgão do Partido Republicano, que circulou em Santa Maria desde 1898 até 1907; o *28 de Março*, órgão do Clube Caixeiral, correspondente aos anos de 1894, 1895 e 1899; *O Diário do Interior*, que circulou entre 1911 e 1939, em Santa Maria e *Gaspar Martins*, órgão Parlamentarista que circulou em Santa Maria a partir de 1922.

Constatou-se ainda, embora não concluída a pesquisa, que não há qualquer referência também à *Imembuí*, o que significa dizer que esta personagem não fazia parte do imaginário popular naquela época, mais especificamente, antes de 1912. Caso *Imembuí* fosse um elemento integrante da cultura local, assumindo a caracterização de mito, seu nome poderia figurar, entre os jornais que circulavam em Santa Maria naquele momento histórico, como nome de lugares, produtos, ou mesmo entidades, conforme acontece atualmente. Com base nessa constatação, verificou-se que *Imembuí* deve sua existência exclusivamente a Cezimbra Jacques, visto ser apenas a personagem de uma construção ficcional. O fato de não haver menção à índia e aos demais personagens que compõem o conto indígena, também elementos do imaginário, confirma as expectativas iniciais.

Os periódicos referidos não fazem alusão à importância de Cezimbra Jacques como sendo o primeiro escritor santamariense. O nome do autor de *Imembuí* é citado em *O Estado*, a partir de uma nota que fala sobre o desenvolvimento do *Grêmio Gaúcho da capital*, sob a nova direção do Major.

O Grêmio Gaúcho da capital desenvolve-se com a nova direção do major Cezimbra Jacques. Segundo o jornal do Comércio, o novo presidente adquiriu o aprazível terreno com matos no arraial da Glória, onde está tratando de edificar um prédio que terá sala para as sessões e mais comodidades, tendo um gabinete próprio para as famílias dos sócios, quando estes quiserem ali passar os dias; vai mandar levar à cena um drama-comédia, o *Farrroupilha*, alusivo a acontecimentos da notável revolução dos Farrapos; vai estabelecer uma pequena linha de tiro ao alvo e montar os aprestos da ginástica, de que dispõe, de primeira qualidade, e mandar também preparar espadas para os sócios afeiçoados à esgrima; está tratando de manter uma coudelaria para a sociedade e vai estabelecer uma orquestra de instrumentos de corda, que será regida pelo sr. Silveira da Luz.¹

Há outra referência a Cezimbra Jacques, também no *O Estado*, no dia primeiro de janeiro de 1903, em uma propaganda sobre a erva-mate *Eufrasia*, como forma de dar credibilidade ao produto. O anúncio se repete e outros escritores e pesquisadores tradicionalistas são mencionados. Com exceção dessas duas citações, até o momento não foi encontrada outra passagem que ateste a contribuição intelectual de Cezimbra Jacques para a cultura da região centro do Estado.

Outros nomes, pertencentes àquela época e que, assim como Jacques, participaram da formação histórica deste município, são mencionados. É o caso de João Belém, professor de língua portuguesa, que, ao escrever *História do Município de Santa Maria – Santa Maria Lendária* (1933), atribui ao conto de Cezimbra Jacques o caráter de lenda, transcrevendo-o de maneira idêntica. É válido lembrar que o texto de Belém apresenta um tratamento estilístico peculiar, que não se encontra na obra de Cezimbra Jacques, embora sejam idênticas as informações apresentadas em ambos os textos.

Além de João Belém, outras autoridades santamarienses são lembradas e prestigiadas, como o historiador Romeu Beltrão, o escritor Roque Callage que, assim como Cezimbra Jacques e João Belém, fez parte da Academia Rio-Grandense de Letras. Jacques, no entanto, não recebe semelhante tratamento, chegando mesmo a ser esquecido pela historicidade, a ponto de ter sua contribuição negada. Neste sentido, tem-se buscado resgatar a produção literária do escritor, recuperando sua imagem de autoridade intelectual, principalmente, e reafirmando sua importância histórico-cultural.

¹ *O Estado*, 1.º de março de 1902.

Com relação aos almanaques que foram analisados, no conhecido como o da homenagem ao falso centenário, de 1914, não existem referências à existência do mito de Imembuí e a única menção feita ao Major João Cezimbra Jacques, conforme é designado, encontra-se sob o título Centenário de Santa Maria e diz respeito à fundação deste município. Neste texto, há o testemunho do autor de Imembuí quanto à origem de Santa Maria, tema presente em sua obra *Assuntos do Rio Grande do Sul*.

Segundo diz o major João Cezimbra Jacques, no seu livro Assuntos do Rio Grande do Sul, Santa Maria da Boca do Monte teve começo de uma estação ali feita pela comissão de oficiais portugueses e espanhóis, destinada à demarcação de limites entre os domínios das duas coroas, a de Portugal e a da Espanha, e depois da célebre conquista de 1807, por um luzido esquadrão de puros sul-rio-grandenses, ao mando do valoroso José Borges do Couto, natural de Rio Pardo.²

Concemente ao *Álbum Ilustrado*, comemorativo do 1.º Centenário da Emancipação Política do Município de Santa Maria (Rio Grande do Sul) de 17 de maio de 1858 – 17 de maio de 1958, pode-se afirmar que não há alusão ao nome de Cezimbra Jacques, mas, no início do mesmo documento, encontra-se a reprodução da história de Imembuí, tida como lenda, sob o título Santa Maria Lendária – A Lenda de Imembuí, com ilustrações do professor Eduardo Trevisan, da Escola de Belas Artes de Santa Maria. Constatou-se também, nesta fonte documental, que o termo Imembuí designava lugares característicos, estabelecimentos e produtos locais.

Pôde-se verificar que existiu, em Santa Maria, um jornal, fundado no ano de 1939, cujo nome era Imembuí (p.57); a Imobiliária Imembuí (p. 132), a Rádio Imembuí S. A, fundada por Carlos Brenner (p.135), além de um parque público e natural, identificado como Parque Imembuí (p. 127). Em *Cronologia Histórica de Santa Maria e do Extinto Município de São Martinho*, de Romeu Beltrão, há uma caracterização desse parque:

Em dezembro de 1929, é inaugurado o Jockey Club (Jóquei Clube) de Santa Maria, no antigo Prado Santa-mariense, depois Parque Imembuí e hoje Colégio Cilon Rosa e Vila Militar Coronel Niederauer.³

Em comemoração ao centenário da cidade, há um artigo, nas páginas 227 e 228 do *Álbum Ilustrado*, que retrata as atividades festivas e as exposições ocorridas no dia 17 de maio de 1958, com fotos referentes aos eventos históricos. Dentre os carros alegóricos que desfilaram, quatro traziam o nome de Imembuí, ou de outras personagens desta história. Dentre eles, citam-se: *A paixão de Imembuí*; *Imembuí*, ela mesma; *A prisão de Rodrigues*; e *O casamento de Imembuí*.

Isso significa que, nesta época, o nome de Imembuí já circulava entre os santa-marienses, o que representa uma inversão bastante intrigante porque, como se pôde observar, foi a partir do conto Imembuí que teve origem o mito de Imembuí. O convencional é justamente o contrário, isto é, uma lenda, quando recolhida e trabalhada estilisticamente, transforma-se em construção literária.

Deste modo, apesar de ser a protagonista do conto de Cezimbra Jacques, o nome da indiazinha tornou-se conhecido popularmente através do texto de João Belém, publicado em 1933, que destinou uma configuração lendária ao conto indígena.

Embora o escritor João Cezimbra Jacques não seja reconhecido como o verdadeiro autor do conto Imembuí e seu valioso trabalho permaneça ainda na ignorância de muitos santa-marienses, vários escritores que também tratam do folclore rio-grandense, tais como Augusto Meyer, Alcides Maya, Roque Callage, Darcy Azambuja, Guilhermino Cesar, Manoelito de Ornellas, Barbosa Lessa, Dante de Laytano, entre outros, dão credibilidade ao seu nome, enquanto autoridade intelectual.

A partir de uma demorada investigação, analisando obras dos autores anteriormente citados, obtiveram-se registros referentes ao apreço e consideração pelo nome de Cezimbra Jacques, o que é devido, principalmente, à tentativa constante do escritor em preservar os costumes gaúchos, bem como o vocabulário característico, através da compilação de lendas e da transcrição do Cancioneiro e de narrativas orais.

Iniciando pela obra *No Fogão do Caúcho* (1929), de autoria do escritor santa-mariense Roque Callage, patrono da cadeira n.º 35 da Academia Rio-Grandense de Letras, foram encontradas duas referências a Cezimbra Jacques. Primeiramente, na página 16, tem início a descrição da lenda do *Cervo Dourado*, baseada no registro prévio, feito por Cezimbra Jacques em sua *utilíssima obra Assuntos do Rio Grande do Sul*, conforme assinala Callage. Na página 45, o nome de Cezimbra Jacques está incluído entre escritores reconhecidos, que dão sua contribuição ao

² Revista Comemorativa do Primeiro Centenário da Fundação da Cidade de Santa Maria (1814-1914 – Falso Centenário). P. 41-42.

³ BELTRÃO, Romeu. *Cronologia Histórica de Santa Maria e do Extinto Município de São Martinho* (1787-1930), 1979.

escreverem poesia patriótica.

Embora a obra de Callage privilegie narrativas orais da cultura popular, no Estado do Rio Grande do Sul, tendo um capítulo destinado às lendas gaúchas, sob o título *As nossas lendas*, não apresenta qualquer narrativa cujo enredo seja semelhante ao de *Imembuí*. O testemunho de Roque Callage, neste sentido, é importante porque ele viveu em Santa Maria, sendo contemporâneo de Cezimbra Jacques. Portanto, se o mito fosse recorrente estaria incluído na produção literária de Callage, dentre as lendas gaúchas.

Considerando a obra *Guia do Folclore Gaúcho* (1951), de Augusto Meyer, observam-se várias referências a Cezimbra Jacques. Tido como uma das autoridades folcloristas que se destacaram neste trabalho de recuperação dos aspectos culturais antigos, os trabalhos do escritor santamariense orientam a pesquisa de escritores que lhe sucederam. Suas obras constituem, portanto, fonte de investigação para os estudos posteriores, e, conforme pode ser verificado nesta obra de Meyer, vários trechos das duas obras mais conhecidas de Jacques são transcritos, na tentativa de justificar as proposições daquele escritor. Com este propósito, Meyer recorre inúmeras vezes ao testemunho de Cezimbra Jacques, quando fala das danças gaúchas e das lendas mais conhecidas, uma vez que Jacques descreve, com o máximo de informações possível, grande parte delas em suas produções literárias. No que concerne à obra *Assuntos do Rio Grande do Sul*, Meyer assinala:

*Obra importante para o estudo do folclore gaúcho; é o segundo trabalho de João Cezimbra Jacques (...). Além de apontamentos etnográficos sobre os indígenas, vocabulários, antologia literária e informações diversas, contém: As carreiras, Poesia Popular, As crenças (...).*⁴

Em *História da Literatura do Rio Grande do Sul (1737 – 1902)* (1955), de Guilhermino Cesar, autoridade reconhecida nos estudos da literatura do Rio Grande do Sul, encontra-se o nome de Cezimbra Jacques entre os investigadores da literatura oral para a formação do Cancioneiro Rio-Grandense. Segundo Guilhermino Cesar:

A coleta de trovas de descante começou a fazer-se em fins do século passado, com Apolinário Porto Alegre. Segue-lhe o exemplo o jornalista Carlos von Koseritz, que a pedido de Sílvia Romero começou a registrar, na Gazeta de Porto Alegre (1880), o resultado de suas investigações. Vieram

*depois: Cezimbra Jacques (1883), Graciano de Azambuja (1887), (...).*⁵

Mais adiante, na página 363 da mesma obra, há uma descrição detalhada sobre a importância do trabalho de Cezimbra Jacques, ao documentar os costumes, técnicas de trabalho, os folguedos, as danças, que caracterizam o modo de vida de um povo específico, tópicos estes presentes em Ensaio sobre os costumes do Rio Grande do Sul. Ainda segundo o depoimento de Guilhermino Cesar:

*Livro de amor, desencadeou reações favoráveis à valorização da campanha como assunto literário. Mas, não contente de o ter escrito, Cezimbra Jacques levou mais além a sua devoção ao pago. Assim, fez-se precursor das associações tradicionalistas, a teor do Grémio Gaúcho, que fundou num dos arrabaldes de Porto Alegre, para que ali, à sombra de uns tristes umbus cidadãos, se evocassem ao ar livre as danças, as cantorias, os folguedos característicos da fronteira.*⁶

Além disso, Cezimbra Jacques preocupou-se em estudar o índio rio-grandense, examinando hábitos e expressões pertencentes ao código de comunicação que utilizavam. O escritor santamariense fez uso, então, de seu talento, uma vez que lhe faltavam condições intelectuais para escrever suas obras. Apesar de apresentarem um estilo literário não raro deficiente, as produções desse escritor constituem, ainda hoje, fonte de pesquisa para muitos autores de renome.

Segundo Guilhermino Cesar, ao escrever *Assuntos do Rio Grande do Sul*, Cezimbra Jacques completou a obra que o seu tradicionalismo quase religioso projetava em verdes anos. Na obra de Cesar, há também uma nota referente ao autor, a qual compreende informações que dizem respeito a Cezimbra Jacques, sua vida pessoal e enquanto intelectual que era.

A partir da obra *Gaúchos e Beduínos (A origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul)*, 1956, de Manoelito de Ornellas, novas referências à produção literária de Cezimbra Jacques foram verificadas. Na página 246, há uma nota que comprova a importância da obra *Assuntos do Rio Grande do Sul*, utilizada como fonte de pesquisa em estudos posteriores. Nesta nota, Ornellas deixa explícito o caráter utilitário do texto mencionado, em que as informações acerca de questões tradicionalistas, como é o caso da vestimenta típica do gaúcho, são de extremamente

⁴ MEYER, Augusto. *Guia do Folclore Gaúcho*. 1951. p. 22

⁵ CESAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*. 1955. p. 43

⁶ CESAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*. 1955. p. 363

pertinentes e necessárias às atuais pesquisas. Seguem-se as próprias palavras de Ornellas:

João Cezimbra Jacques em Assuntos do Rio Grande do Sul, no caótico porém valiosíssimo conjunto de informações que reuniu, conclui desta forma: "quanto à bombacha assassina de chiripá, como a gaita o é da viola, e que forma hoje uma parte do traje gaúcho incompleto dos nossos dias, não é um artigo de vestimenta característica do verdadeiro gaúcho, pois que ele não é originário da América do Sul e muito menos do pampa. É antes uma vestimenta turca, que da Turquia foi importada para a Espanha e desta para o Prata e dali para o Rio Grande do Sul" (p. 32) ⁷

Ainda com relação à obra de Ornellas, observa-se, na página 271, outra referência a Cezimbra Jacques, também em forma de nota. Manoelito de Ornellas recorre novamente ao testemunho do escritor santa-mariense, caracterizando-lhe como o curioso Cezimbra Jacques, quando escreve sobre as vestimentas típicas dos europeus.

Na obra *Principais Lendas Folclóricas do Rio Grande do Sul* (1958), de Darcy Azambuja, o nome de Cezimbra Jacques é citado. Azambuja enumera três lendas principais: a do *Lobis-Homem*, a da *Boitatá* e do *Negrinho do Pastoreio*, sendo estas populares, tradicionais, anônimas, orais e conhecidas em todo o Rio Grande do Sul.

Quanto à primeira, Azambuja assegura que praticamente não foi trabalhada entre os escritores brasileiros, estando sua mais completa versão no livro *Supersticiones y Leyendas*, do escritor argentino Juan Ambrossetti. No que se refere à lenda do *Boitatá*, embora existam várias versões, a mais conhecida é a de Cezimbra Jacques, descrita em seu livro *Assuntos do Rio Grande do Sul*, na página 146. Jacques, também registrou a lenda do *Negrinho do Pastoreio*, ou do *Crioulo do Pastorejo*, conforme aparece na mesma obra. Contudo, embora seja pioneiro no registro, a sua versão não é a mais completa e conhecida, mas a de Simões Lopes Neto.

Observando a obra *Cancioneiro Gaúcho* (1959), também de autoria de Augusto Meyer, existem várias referências quanto à relevância do trabalho de Cezimbra Jacques, ao recolher informações, talvez as mais completas já encontradas, sobre as danças que compõem o fandango rio-grandense. Jacques, em *Ensaio sobre os Costumes do Rio Grande do Sul*, chega mesmo a apresentar um capítulo inteiro, intitulado *Antigas*

Danças, referente a esse assunto.

Meyer destaca a relação, feita por Cezimbra Jacques, de dezoito danças antigas - tirana, anu, tatu, cará, feliz-amor, balaio, xará, chimarrita, Chico, ribada, cerra-baile, galinha-morta, quero-mana, serrana, dandão, sabão, bamba-querê, pinheiro - e assinala o modo singular do escritor santa-mariense ao reproduzir detalhadamente cada uma das danças estudadas, usando de métodos fiéis, embora sem preocupação formal.

Ainda em *Cancioneiro Gaúcho*, na página 206, Augusto Meyer se refere a Cezimbra Jacques como um devoto das nossas coisas gaúchas pelo fato deste reproduzir parte do folclore Rio-Grandense, fazendo uso de um estilo bastante simples se comparado com outras autoridades folcloristas, porém de extrema utilidade para a conservação dos costumes tradicionalistas de uma nação determinada. Conforme assinala Meyer, na mesma obra:

Para darmos uma idéia mais exata dessas danças", esclarecia Cezimbra Jacques, com deliciosa ingenuidade, no fundo bem mais útil do que muita erudição indigesta, "para darmos uma idéia mais exata dessas danças, foi-nos preciso conseguir que dançassem em nossa presença alguns pares de anciãos."

Além disso, o nome de Cezimbra Jacques está entre os escritores que compilaram lendas regionais, como a do *Negrinho do Pastoreio*. Segundo Meyer, embora cada intérprete ou folclorista apresente uma versão distinta da mesma lenda, sua unidade fundamental é conservada e a versão de Jacques encontra-se na obra *Assuntos do Rio Grande do Sul*, de 1912. Outra contribuição de Jacques, segundo Meyer, página 209, deve-se ao fato de que ele teria feito a primeira descrição menos incompleta da tropeada.

Em *Cronologia Histórica de Santa Maria e do Extinto Município de São Martinho (1787 - 1930)*, obra datada de 1979 e de autoria do importante historiador Romeu Beltrão, outro santa-mariense, encontram-se informações sobre Cezimbra Jacques.

Na página 159, entre os acontecimentos datados de 1849, está registrado o nascimento de Cezimbra Jacques, sua filiação, além de outros dados referentes aos seus avós, ao local onde foi batizado e por quem, à naturalidade de seus pais e avós. Na página 322, sob o ano de 1883, encontra-se outra referência que atesta a publicação do primeiro livro do escritor. Na página 413, está impresso que, no ano de 1898, Cezimbra Jacques fundou o Grêmio Gaúcho, em Porto Alegre. Por

⁷ ORNELLAS, Manoelito de. *Gaúchos e Beduínos* (A origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul). 1956. p. 246

⁸ MEYER, Augusto. *Cancioneiro Gaúcho*. 1959. p. 17

fim, na página 510, sob a data de 28 (sic) de julho de 1922, está registrado o falecimento do primeiro escritor santa-mariense, na cidade do Rio de Janeiro.

No capítulo oitavo da obra *Nativismo - um fenômeno social gaúcho* (1985), de Barbosa Lessa, o escritor santa-mariense João Cezimbra Jacques é caracterizado como o principal mentor do gauchismo cívico, embora sua instrução para levantamento de costumes regionais fosse um tanto rudimentar se comparada com a de seu antecessor Apolinário Porto Alegre, membro importante do grupo "Partenon Literário" e patrono da cadeira n.º 6 da Academia Rio-Grandense de Letras.

Barbosa Lessa destaca a iniciativa de Cezimbra Jacques na recuperação de antigas danças, como parte integrante da cultura popular de uma região, além de sua atuação como intelectual, ao escrever seu primeiro livro. Contudo, segundo Barbosa Lessa, a maior contribuição de Jacques está na fundação do Grêmio Gaúcho, em Porto Alegre, no ano de 1898, tendo como propósito a continuidade das manifestações cívicas, prova de patriotismo e nacionalismo. Segundo as palavras do Major (apud Lessa, 1895):

*Surgiu-nos a idéia de fundarmos o Grêmio Gaúcho para organizar o quadro das comemorações dos acontecimentos grandiosos de nossa terra". (...) "Pensamos que esta patriótica agremiação não é destinada a manter na sociedade moderna usos e costumes que estão abolidos pela nossa evolução natural, mas, sim, a manter o cunho do nosso glorioso Estado e conseqüentemente as nossas grandiosas tradições."*⁹

Em *Folclore do Rio Grande do Sul* (1987:259), com relação às lendas, quando trata do "ciclo do índio", Dante de Laytano, sucessor de Cezimbra Jacques na cadeira n.º 19 da Academia Rio-Grandense de Letras, apresenta *Imembuí*, referindo-se desta forma: "Cezimbra Jacques deu grande desenvolvimento a esta lenda. João Belém a acolheu, destacando-a".

Considerando outra produção do historiador e folclorista Dante de Laytano, única autoridade fora de Santa Maria que atribui o caráter de lenda à *Imembuí*, obra esta intitulada *Mar Absoluto das Memórias* (1986), verifica-se a existência, como o próprio título sugere, de uma seleção de autores consagrados, numa escala que vai desde os (re)conhecidos em âmbito nacional, chegando aos regionais ou locais, igualmente importantes à constituição de uma identidade nacional.

Dentre os escritores que se destacam como representantes de cidades do Rio Grande do Sul, encontra-se João Belém, do município de Santa Maria. Dante de Laytano, ao dar credibilidade à obra de Belém, assinala:

*A mim, ela serviu-me durante anos, para explicar a vida do cidade universitária, cidade ferroviária, cidade de colégios, cidade coração do Rio Grande do Sul.*¹⁰

Conclui-se, deste modo, que qualquer inferência feita por Dante de Laytano no que concerne à história e à constituição da cidade de Santa Maria está calcada no testemunho de Belém, que já em 1933 atribuía uma origem lendária ao município e considerava *Imembuí* um mito, fruto do imaginário popular, não como personagem do conto de Cezimbra Jacques, que passou, então, a ter sua importância negada entre os santa-marienses.

Observando a obra *Escola Militar de Porto Alegre* (1992), de Laudelino T. Medeiros, verificou-se que existem duas referências a Cezimbra Jacques, nas páginas 35 e 67. A primeira passagem diz respeito à atuação do escritor santa-mariense como instrutor da Escola Militar em 1898. Além disso, traz dados sobre o local e a data de seu nascimento, bem como de sua morte. No tocante à sua atuação enquanto intelectual, três obras são mencionadas: *Ensaio sobre os costumes do Rio Grande do Sul*, que havia publicado em 1883; *Costumes do Rio Grande do Sul*, que viria publicar em 1912 e *O Direito na Sociologia*, em 1917.

No prefácio desta obra, segundo Medeiros, o jurista Manoel Inácio Carvalho de Mendonça caracteriza o escritor santa-mariense como adepto ao Positivismo, além de considerá-lo, juntamente com um grupo de patriotas dedicados, um dos fundadores do Grêmio Gaúcho, cuja finalidade era cultivar, preservando, as tradições rio-grandenses. Na página 67, está registrado que o Major Cezimbra Jacques, que fora aluno e professor da Escola Militar de Porto Alegre, assim como outros nomes que passaram por aquela instituição, deu sua contribuição intelectual ao publicar *Ensaio sobre os Costumes do Rio Grande do Sul*.

Apesar das investidas de Cezimbra Jacques na tentativa de fixação e conservação de uma identidade nacional e, embora seja venerado no Estado do Rio Grande do Sul como patrono dos CTGs, seu nome, durante anos, não foi lembrado como entidade histórica em Santa Maria. Isso pode ser constatado a partir da ausência de qualquer

⁹ LESSA, Barbosa. *Nativismo - Um fenômeno social gaúcho*. 1985. p. 41

¹⁰ LAYTANO, Dante de. *Mar Absoluto das Memórias*. 1986. p. 120

logradouro público que pudesse preservar o nome do escritor. Há uma lei municipal, no entanto, que tem por objetivo suprir parte deste esquecimento, através da construção de um monumento no *Largo Cezimbra Jacques*, na praça General Osório, onde se encontra a placa de lançamento da pedra monumental. O projeto do referido monumento está sendo desenvolvido pelo Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFSM, coordenado pelo professor Andrei Schlee.

Além de estar relegado ao ostracismo, a vontade de ser enterrado na mesma cidade onde nascera foi negada a Jacques, estando seus restos mortais perdidos. Sabe-se que o escritor santamariense faleceu no Hospital Central do Exército, no Rio de Janeiro, no dia 27 de julho de 1922, e que seus restos mortais foram trasladados para Porto Alegre, em 1927. Contudo, não se tem qualquer informação sobre quem os transportou e para onde.

Conclui-se, deste modo, que a causa de Cezimbra Jacques não ter sido lembrado pela comunidade santamariense, durante anos, deve-se muito ao descuido da imprensa local e dos órgãos oficiais, como esta investigação tem verificado. Não faltam, no entanto, testemunhos de autores e estudiosos que confirmem a importância do trabalho de Jacques para o Estado do Rio Grande do Sul, o que demandaria um respeito maior dos seus conterrâneos. Por isso consideramos relevante, neste estudo, evidenciar tais declarações documentadas em obras prestigiadas nas áreas da história, literatura e folclore rio-grandense, a fim de que, em sua cidade natal, o autor de *Imembuí* tenha o devido reconhecimento que a História já reservou na memória do povo gaúcho.

Referências bibliográficas

- AZAMBUJA, Darcy. *Principais Lendas Folclóricas do Rio Grande do Sul*. Edição da Comissão Gaúcha de Folclore, 1958.
- BELÉM, João. *História do município de Santa Maria - 1797-1933*. Santa Maria: Ed. UFSM, 1989.
- BELTRÃO, Romeu. *Cronologia Histórica de Santa Maria e do Extinto Município de São Martinho (1787 - 1930)*. Canoas: Editora Lasalle, 1979.
- CALLAGE, Roque. *No Fogão do Gaúcho*. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1929.
- CESAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*. Porto Alegre: Editora Globo, 1955.
- JACQUES, João Cezimbra. *Assuntos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: União de Seguros Gerais, 1979.
- . *Ensaio sobre os costumes do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: União de Seguros Gerais, 1979.
- LAYTANO, Dante de. *Mar Absoluto das Memórias*. Porto Alegre: Martins Livraria Editora, 1986.

- . *Folclore do Rio Grande do Sul: Levantamento dos Costumes e Tradições Gaúchas*. Caxias do Sul: EDUCS; PA - Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Nova Dimensão, 1987.
- LESSA, Barbosa. *Nativismo - Um fenômeno social gaúcho*. Coleção Universidade Livre, 1985.
- MEDEIROS, Laudelino T. *Escola Militar de Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. Universidade / URGs, 1992.
- MEYER, Augusto. *Guia do Folclore Gaúcho*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Aurora, Ltda, 1951.
- . *Cancioneiro Gaúcho*. Editora Globo, 1959.
- . *Prosa dos Pagos 1941-1959*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1960.
- ORNELLAS, Manoelito de. *Gaúchos e Beduínos (A origem étnica e a formação social do Rio Grande do Sul)*. Rio de Janeiro: Livraria José, Olympio Editora, 1965.
- RIBEIRO, Nely. *Jornais Gráficos RS - 1827-1900 - O Jornal em Santa Maria - 1883-1992*. Santa Maria, 1992.
- SCHILLING, Getúlio. *Cezimbra Jacques, o precursor*. Porto Alegre: Fundação Instituto de Tradição e Folclore/Santa Maria: UFSM/Prefeitura Municipal, 1986.
- Revista da Academia Rio-Grandense de Letras*. Porto Alegre, 1982.